
No Reino de Lobato: Emília e a pílula falante

ILDA QUAGLIA (UNISSA)¹
IVANISE M. DE OLIVEIRA ROSSINI (UNINGÁ – UNISSA)²
MARLISE M. BATISTA MARTINELLI (UNISSA)³

RESUMO

Monteiro Lobato, certamente, é um marco na literatura infantil brasileira. É a partir dele que inovações que permanecem até hoje nortearam muitos livros lidos por nossas crianças. Portanto, é de suma importância que professores e futuros professores, tenham acesso às características literárias que fazem da obra de Lobato, uma das mais apreciadas na nossa literatura. Pensando nisso, este artigo tem como objetivo apresentar um breve conceito sobre literatura e leitura, na sua forma mais abrangente, enquanto compreensão e interpretação do mundo que cerca o leitor, bem como a leitura da literatura, o panorama histórico em que viveu Lobato, as principais características de sua obra **A Pílula Falante** e sugestões metodológicas possíveis de serem encaminhadas com crianças de 3^a até 5^a série. Esperamos que este trabalho contribua para que as aulas de leitura da literatura sejam mais profícuas, e sejam caminho para formar leitores conscientes de sua atuação na sociedade em que vivem.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Monteiro Lobato.

¹ Professora Mestre Faculdade UNISSA - Sarandi -PR

² Professora Especialista, Faculdade Ingá - UNINGÁ - UNISSA - Sarandi -Pr.

³ Professora Mestranda Faculdade UNISSA – Sarandi - PR

INTRODUÇÃO

A arte contemporânea, incluindo-se aí as manifestações literárias, assim como nas expressões das sociedades primitivas, compreende três elementos básicos e fundamentais, de acordo com Pareyson (apud BOSI, 1985) o fazer, o conhecer e o exprimir, ou, em outras palavras: construção, conhecimento e expressão.

Enquanto construção, a literatura manipula sua matéria essencial, as palavras, que são tiradas do seu estado de sentido limitado para se transformarem num mundo próprio, complexo e elaborado artisticamente, dotado de sentido amplo e estrutura autônoma. Na construção artística prevalece sua coerência interna, devido à força da palavra organizada. Dessa forma, a palavra, na obra literária, amplia e enriquece a nossa capacidade de percepção de ver e sentir a realidade, levando-nos à sensibilização e à melhor compreensão da natureza, da sociedade e do outro.

Na construção da obra literária não existem regras de ordem pré-determinadas, para a expressão dos sentimentos do escritor ou da sua manifestação frente à realidade que o cerca. O mais importante, nesse processo, é a maneira pela qual a mensagem é elaborada, o modo como as palavras são ordenadas por meio de uma organização especial da linguagem, divergindo totalmente do discurso científico, referencial ou puramente instrumental.

Nesse rearranjo formal das palavras, como um jogo sem regras pré-estabelecidas, reside um dos principais traços da obra literária: seu aspecto de gratuidade, elemento fundamental da arte, “tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar” (CANDIDO, 1976). É neste aspecto, sem compromissos ou vínculos com convenções ou ideologias conservadoras e fins direcionados, que a literatura assume seu caráter humanizador, formador e emancipador.

Bordini; Aguiar (1988), ao tratarem da especificidade do texto literário, destacam características relevantes, como o uso não-utilitário da linguagem, que a leva a possuir autonomia de significação, uma vez que não é necessário apontar para o objeto real de que ele é signo. Disso resulta também o caráter polissêmico da literatura, que dá ampla liberdade ao leitor para interagir com o texto e participar de sua reescritura, num movimento dialógico. No processo de reconstrução, o leitor acaba

encontrando um campo amplo de informações, sem, contudo, prender-se às amarras do cotidiano.

Por meio da ação de suas funções essenciais na formação integral da pessoa, a literatura concretiza sua função humanizadora e libertadora, por ser um confronto dialético entre forças opostas. Ao corresponder a um equilíbrio na formação humana, a força humanizadora atua porque faz viver, reorganizando o mundo interior de cada um, mesmo através de sua grande carga de complexidade. Essa capacidade humanizadora nos torna mais compreensivos em nossas relações individuais e sociais, constituindo, também, um fator de equilíbrio social. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1989).

Diante de seu sentido humanizador, nenhum ser humano pode ser privado do direito à literatura, pois ela contribui não só para a sobrevivência, mas para uma vida plena. A consequência de sua carência para o sujeito, pode ser o mutilamento da sua personalidade.

CONCEPÇÃO DE LEITURA

Desde o início de sua relação com o mundo, na era primitiva da sua história, o homem já estabelecia relações com a natureza e com outros homens, através do seu olhar ledor, Yunes (1994), sem o qual seria impossível sua sobrevivência. Mas é apenas a partir da segunda metade do século XX que as preocupações com a leitura na escola, onde passa a fazer parte do currículo escolar, começaram a direcionar-se para perspectivas que concebem a leitura como um ato que vai além da decodificação passiva de sinais gráficos que compõem o texto, passando pela questão da interpretação e pela compreensão, levando, com isso, o leitor a tomar uma postura reflexiva e crítica diante da realidade.

Numa concepção de leitura mais ampla, percebe-se a importância do trabalho do leitor, que já não é mais considerado um sujeito passivo, conduzido pelo texto. Seu papel é dinâmico, no sentido da percepção das intenções do autor, devendo ler além do código escrito e atuar como um produtor de sentidos do texto, a partir de sua experiência de vida e das suas relações interpessoais. O resultado do trabalho do leitor é a conscientização e a libertação, que permitirá o alargamento do mundo para além do que se está lendo e o combate à alienação, através de uma

leitura questionadora, que possibilitará o julgamento e a compreensão da realidade em que está inserido.

Neste sentido, a leitura exigirá do leitor uma postura de transformação de si mesmo, bem como dos outros e das coisas: “É sentir que se tem domínio sobre o mundo, assim que se passa a compreender aquilo que o faz como é” (FOUCAMBERT, 1997). Desse modo, a leitura propicia ao leitor estar em contato direto, permanente e de maneira dinâmica, com o mundo e com a memória cultural produzida pela sociedade, compreendendo os aspectos que fazem parte da vida e dando sentido ao que o cerca. Ler é inteirar-se com o mundo, é adquirir meios para a conquista da autonomia de pensamento, na qual o leitor deixa de ler “pelos olhos de outrem” (MARTINS, 1984). Além disso, a leitura é um instrumento libertador de padrões ideológicos, de inculcamentos, de limitações cognitivas e morais, tornando-se um fator determinante de posturas críticas e transformadoras e, conseqüentemente, de formação da plenitude humana.

A LEITURA DA LITERATURA

A leitura literária passa pela perspectiva do diálogo amplo entre o texto e o receptor, no qual o leitor reconstrói o sentido do texto, tendo como parâmetro suas expectativas e sua experiência de vida. A palavra assume muitos e variados significados na leitura literária, pois o texto recusa a linearidade e assume contradições. Por isso, a leitura é uma forma de estabelecimento ou fruição de um desses significados, comportando várias leituras, até de um mesmo leitor, não podendo ser este processo impositivo ou meramente formal. Em cada leitura há um enriquecimento do texto e novas perspectivas são trazidas à tona. A cada releitura, mais a lembrança de outra leitura renova o texto. O acréscimo feito permite essa renovação.

As leituras possíveis de cada obra estão vinculadas ao momento histórico, social e cultural dos leitores. Dessa maneira, a obra assume dimensões que vão além do sentido limitado e definido, residindo, nesse processo, o prazer ilimitado e a plena liberdade do leitor, que não se vê obrigado a manter vínculo direto com a linguagem cotidiana e com outros meios de comunicação, que não deixam espaço para a ambigüidade. Assim, o receptor pode exercer seu papel de co-autor, através do trabalho de interação autor-texto-receptor. Com base em suas experiências

peçoais, o leitor participa ativamente na reconstrução do universo simbólico que as palavras representam. Ele é estimulado a indagar a flexibilidade e a potencialidade do texto, manifestadas pela natureza de sua linguagem polissêmica.

A leitura da literatura tende a ter um efeito prazeroso, resultante de um trabalho que supere a simples decodificação, chegando à leitura como forma de exploração do mundo pela fantasia, sendo um instrumento eficiente como auxiliador da formação integral de crianças e jovens na escola, desde que seja descartada a concepção utilitarista que sempre acompanhou a literatura infanto-juvenil, pautada no compromisso de “ensinamento, pretexto, complementação do trabalho escolar, recurso didático” (PERROTTI, 1986). Segundo o mesmo autor ainda, a finalidade da literatura seria de funcionar como jogo diferenciador da atividade literária, que conduz à emancipação norteada pelo sentido de gratuidade.

PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL

Os primeiros anos do século XX são profundamente marcados por mudanças de ordem tecnológicas, políticas, sociais, tais como: aprimoram-se as máquinas de combustão; o automóvel e o avião dão um aspecto agressivamente progressista ao transporte; no Brasil: aceleravam-se ao mesmo tempo, o declínio da cultura canavieira do Nordeste, que não podia competir, nem em capital nem em mão-de-obra, com a ascensão do café paulista.

Neste momento, surge o Pré-modernismo que estende-se pelo período que vai do início do século até a Semana de Arte Moderna (1922). Neste período literário, surgiram obras que fugiram dos esquemas rígidos da tradição e problematizaram a sociedade e a literatura do tempo, antecipando, com isso as conquistas do Modernismo. **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, e **Canaã**, de Graça Aranha, marcam o início de semelhante postura. Ambos foram publicados em 1902.

Neste contexto, destaca-se José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), autor Pré-modernista que participou ativamente da vida cultural brasileira e, ao morrer, deixou uma extensa obra, composta de contos, crônicas, ensaios, artigos e uma série de livros infantis que o tornaram muito popular.

Sua trajetória marcou momentos não só no aspecto literário, mas também, influenciou outros aspectos, como a política. Nesta, Lobato foi a

vanguarda: fundou companhias editoriais, lutou pela valorização de produtos nacionais, pela moralização do Estado. Foi um visionário que sonhou com um Brasil ainda não concretizado.

Na literatura infantil, marcada por um caráter moralista e pedagógico, o autor alcançou um prestígio que nenhum autor brasileiro, até hoje, logrou alcançar. Sua obra é difundida em várias partes do mundo: Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa, dentre outros personagens, representam as várias facetas de nosso povo e em alguns momentos aludem à luta pelos interesses nacionais, como se observa na obra **O poço do Visconde**, que enfoca problemas do petróleo.

Entretanto, em alguns momentos, Lobato mostrou-se extremamente conservador. É notório o episódio de 1927, em que criticou a exposição expressionista de Anita Malfatti, jovem pintora recém-chegada de vários cursos na Alemanha e nos Estados Unidos. O artigo **Paranóia ou Mistificação** teve repercussões nefastas para a talentosa artista. Por outro lado, o escritor teceu elogios ao jovem artista Vítor Brecheret, um dos maiores escultores da nossa história.

De certa forma, as críticas impostas pelo referido autor estejam ligadas aos seus princípios estéticos enraizados em autores clássicos da língua portuguesa, não faltando certo purismo em sua linguagem literária. Portanto, essa formação impediu-o de assumir compromisso efetivo com o movimento ousado e renovador dos primeiros modernistas, que ele via com desconfiança, temendo ser simples imitação das idéias estrangeiras. Mas a visão crítica da realidade brasileira e o nacionalismo lúcido e objetivo revelam, sem dúvida, a face moderna de Lobato, assegurando-lhe lugar de destaque na história da nossa cultura.

A obra de ficção de Monteiro Lobato permite-nos considerá-lo um contista regionalista: o autor apresenta a realidade social e mental do chamado Jeca Tatu, síntese do que era então o típico caboclo do interior paulista. Escritor combativo, fez obra militante, transformando-se de contista em articulista e polemista. Sua figura de intelectual aguerrido goza por isso de prestígio que é, sem dúvida, superior àquele que mereceria que se avaliasse apenas sua obra de ficcionista.

No campo da literatura, sua posição é ambígua, pois ao mesmo tempo que tematizou a miséria do caboclo, revelando-a a um público acostumado ao ufanismo dos escritores submissos à visão oficial do país, adotou estilo e modelos narrativos já consagrados, o que levou muitos

autores do Modernismo a ver nele um representante do passadismo literário. Sua aversão por muitas das correntes estéticas valorizadas pelos modernistas foi motivo de duras críticas. Após 1921, com a publicação de **O saci**, e acreditando que é na formação da criança que se devem consolidar os valores sociais, produziu sua memorável obra infantil, que além do caráter lúdico tem evidente intenção didática e formadora.

Segundo Coutinho (1975), Lobato é único na literatura universal, uma vez que autores de grandes livros há inúmeros, mas outro que tenha, como ele, construído, em torno de um mesmo ambiente (o Sítio do Picapau Amarelo), e com praticamente as mesmas personagens (Emília, uma boneca que pensa e fala como gente grande; transformou um simples sabugo de milho num sábio, o Visconde de Sabugosa), conseguiu criar todo um ciclo de aventuras que se estende por duas dezenas de volumes, não será fácil apontar.

A análise do texto **A pílula falante**, de Monteiro Lobato estará pautada em alguns conceitos contidos na obra **Como analisar narrativas**, de Gancho (1991). Sendo assim, destaca-se o fato do texto de Lobato ser caracterizado como um conto já que o mesmo apresenta-se através de uma curta narrativa, com a condensação do conflito e com um número restrito de personagens, tempo e espaço.

LOBATO E O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

No capítulo **A pílula falante**, da obra **Reinações de Narizinho**, de Monteiro Lobato, que é o objeto desta análise, observamos que o autor ainda fala às crianças de hoje. A fábula constitui-se do episódio no qual Narizinho resolve procurar Doutor Caramujo para que ele pudesse fazer Emília, sua boneca, falar.

Numa primeira leitura, observamos que Lobato utiliza recursos do maravilhoso para compor a trama e torná-la ainda mais envolvente para as crianças (e para os adultos também). Temos o Doutor Caramujo, o besouro boticário, a boneca que se tornará falante ao longo da narrativa, os caranguejos, dona Carochinha, etc. Esses e outros personagens fantásticos atuam com os demais do texto e isso é naturalmente aceito pelos leitores uma vez que a criança “prefere o maravilhoso e aceita bem as soluções mágicas, porque acalmam seus medos interiores e situações internas de conflito” (PONDÉ, 1985). Sabemos hoje que o ingresso no mundo da fantasia ajuda a criança a elaborar aspectos da sua realidade

exterior e interior e isso é uma das funções da literatura de que fala Candido (1976).

Nos limites do Sítio, o real e o fantástico não são antagônicos, ocorre um amalgamento tão homogêneo entre eles que as aventuras, apesar de fantásticas, são verossímeis e, portanto, cativam os leitores. O maravilhoso permeia toda a obra lobateana sem torná-la escapista. A fantasia, ao contrário, amplia os possíveis significados do texto. O ingresso no mundo da fantasia permite, por exemplo, que Narizinho realize um desejo de todas as crianças — que seus brinquedos tenham vida. “No outro dia a menina levantou-se muito cedo para levar a boneca ao consultório do doutor Caramujo” (LOBATO, 1993).

Quando Narizinho procura o Doutor Caramujo para dar voz à Emília ela está em busca da realização de seu desejo. A menina não espera que seus anseios sejam realizados pelos outros, sem fazer esforço algum, mas ela parte em busca de sua concretização. A superação do obstáculo não é concedida, mas sim conquistada.

Nesse episódio, percebemos também que Narizinho possui princípios éticos, não quer atingir sua meta a qualquer preço. Quando o médico propõe retirar a fala do papagaio ela se indispõe violentamente com ele:

— Então eu não quero! Prefiro que Emília fique muda toda a vida a sacrificar uma pobre ave que não tem culpa de coisa nenhuma (...) (...)Não quero! Não admito que judiem dele — berrou vermelhinha de cólera, desamarrando o bico do papagaio e jogando as cordas no nariz dos caranguejos (LOBATO, 1993).

Narizinho não tem recalcamientos, sua resposta é imediata e incisiva, (um tanto destoante dos padrões das meninas dos anos 20, década de publicação da obra). Narizinho não aceita passivamente o que lhe é imposto, mas rebela-se, contesta e se faz ouvir. Nesse excerto, e em muitos outros, percebemos que Lobato cria um novo paradigma de comportamento infantil, não refreia a personalidade das suas criações, ao contrário, dá-lhes total liberdade para exprimirem suas opiniões, emoções e anseios.

Tanto Emília quanto Narizinho (e os outros personagens do Sítio que não aparecem no episódio mencionado) apresentam um comportamento “descompromissado” com os padrões sociais vigentes, são livres e esse é um dos inúmeros motivos pelos quais Lobato ainda hoje permanece uma leitura prazerosa e atual. As crianças também

desejam ser ouvidas, respeitadas e Lobato percebe isso e faz de seus personagens representantes dessas crianças que até então eram modelares, sem vida própria. Um excerto muito simbólico na narrativa se dá depois que Emília ingere a pílula falante e desata a falar sem parar. Narizinho, preocupada e irritada, questiona doutor Caramujo se não era melhor fazer a boneca engolir uma pílula mais fraca. O médico explica:

Não é preciso — explicou o médico. Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda a gente. Isto é ‘fala recolhida’, que tem de ser botada para fora. E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se.

A “fala recolhida” precisa sair, ou seja, é preciso externar aquilo que está enclausurado, livrar-se do velho para criar espaço para o novo. Essa idéia é bastante inovadora quando pensamos no contexto em que a obra foi produzida. A fala de Emília precisava sair (assim como a fala de Lobato) e o Sítio era o lugar ideal para que isso acontecesse. Sabemos, por meio da biografia do autor, que Lobato começou a escrever para crianças quando se desilude com os adultos e passa a crer que só as crianças poderão modificar o mundo.

Para Sandroni (1987), na obra **De Lobato a Bojunga**: as renaixências renovadas, Emília é a personagem mais significativa da obra, vista “por muitos como o alter ego de Lobato, através de quem ele emite os seus pontos de vista, denuncia os absurdos do mundo civilizado, ri da empáfia dos sábios e poderosos”. Por ser uma boneca, ela está livre das obrigações que são impingidas aos adultos e às próprias crianças. Emília pode dizer o que pensa e do modo como pensa porque ninguém tenta coagá-la.

Além do conteúdo da obra de Lobato ser revolucionário (temas sérios até então considerados impróprios para as crianças, como: guerras, política, ciência, petróleo, etc.), a forma como esses conteúdos foram abordados também surpreendem. O autor simplifica os assuntos sem torná-los simplistas, utilizando uma linguagem que se aproxima do falar infantil. Para Sandroni (1987), “a simplicidade da linguagem, marcada pelo coloquialismo e por ‘brasileirismos’ inovadores, visam tornar agradável a leitura”. O que Lobato faz é não menosprezar a inteligência da criança, apenas “modaliza” a linguagem para atender a uma classe que está distanciada do adulto pela faixa etária, pelo intelecto e pela imaturidade emocional.

A linguagem utilizada na obra está de acordo com o ideal de Lobato, que era abraçar a linguagem das obras destinadas às crianças.

Até então, esses livros se resumiam basicamente a traduções de clássicos impressos, na maior parte das vezes, em Portugal, ou seja, carregavam os traços da língua portuguesa falada em Portugal e que está naturalmente distanciada do português falado no Brasil. Com esse intuito, há momentos na obra em que o autor cria neologismos, transforma alguns vocábulos, muda os nomes de personagens clássicos para dar maior ênfase ao conteúdo. Observamos isso no capítulo abordado em: sorriso caramujal, falação, pequeno Polegada, doutor Cara de Coruja, asneirenta, beicaria, etc.

Para Martha (2001), a renovação da linguagem lobateana pode ser observada pela preocupação em despir a língua dos rebuscamentos literários, pela valorização da linguagem afetiva e da sintaxe proposta pela oralidade, pelo emprego da linguagem infantil como recurso para suplantar a elegância da frase literária pela recuperação de elementos e expressões da linguagem popular, no âmbito do vocabulário, propiciando a criação de um fabulário nacional, pelo enriquecimento do vocabulário com a soma de expressões populares e neologismos, privilegiando, inclusive, a afetividade da mensagem, pela incorporação de onomatopéias como recurso revelador da desconstrução lingüística do texto e valorizador da expressividade e, finalmente, pela inauguração de nova relação com o leitor, transformando-o em interlocutor.

Enfim, Lobato é um ícone porque revolucionou tanto a temática quanto formalmente a literatura produzida para crianças no Brasil e é inquestionável que sua obra permanece, ainda hoje, como um paradigma para as novas gerações de escritores que se dedicam a produzir para o público infantil.

ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS

Abrir as portas da escola para a literatura exige uma postura inovadora e dinâmica de educadores que, conseqüentemente, assumem uma visão ampla de ensino, leitura e literatura. O trabalho com a literatura nas séries iniciais do ensino fundamental deve estar vinculado à propostas diferenciadas daquelas alienantes, marcadas por “amarras”, as quais impedem que alunos, leitores em formação, ampliem seus horizontes tanto em relação ao desenvolvimento cognitivo quanto ao mundo em que vivem.

As propostas apresentadas a seguir não têm como intenção esgotar as possibilidades de leitura e ativação da capacidade criadora dos alunos; por outro lado, são apresentadas com a pretensão de auxiliar educadores a ampliarem seu leque de alternativas metodológicas no trabalho com a literatura na escola.

Além do trabalho com os níveis fundamentais de leitura a compreensão e a interpretação, propomos alternativas que possibilitem ao aluno a visão ampla que o texto literário pode possibilitar, relacionando-o com um trabalho de produção textual que envolva as várias tipologias textuais, tais como:

a) Transformar narrativa em história em quadrinhos.

— Objetivo: Desenvolver a capacidade de resumo e compreensão através da ilustração.

b) Elaborar uma propaganda para ser veiculada em jornal oral ou escrito, sobre algum elemento que aparece no texto (exemplo: pílula falante).

— Objetivo: Desenvolver a linguagem persuasiva.

c) Escrever uma carta ou bilhete para algum personagem do texto, comentando sua atitude na história.

— Objetivo: Interagir com o próprio texto, através da ativação da imaginação.

d) Ilustrar partes do trama com figuras de revistas.

— Objetivo: Atualizar e aproximar a história da realidade vivencial dos alunos.

e) Relacionar a personagem Emília com outras personagens tanto da literatura, como do cinema, da televisão, música ou desenho.

— Objetivo: Promover a intertextualidade.

f) Entrevista imaginária com os personagens da história.

— Objetivo: Ativar a imaginação e desenvolver a habilidade discursiva.

g) Elaborar uma receita para conquistar coisas fantásticas, como a pílula falante.

— Objetivo: Ampliar a capacidade de elaboração do texto instrucional.

h) Transformar os fatos principais da trama em notícia de jornal.

— Objetivo: Ampliar a capacidade de elaboração e análise do texto jornalístico.

REFERÊNCIAS

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte.** São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, A. Estímulos da criação literária. In: ____ **Literatura e sociedade.** 5.ed. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. R. (Org.) et al. **Direitos humanos e ...** São Paulo: Brasiliense, 1989.

COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1975.

FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 1991.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARTHA, A. A. P. **Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira.** Disponível em: < [http://: www. Cuatrogatos.org](http://www.Cuatrogatos.org) >. Acesso em: 31/05/05.

MARTINS, M. H. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

PERROTTI, E. Discurso estético e discurso utilitário. In: ____ **O texto sedutor na literatura infantil.** São Paulo: Ícone, 1986.

PONDÉ, G. **A arte de fazer artes: como escrever para crianças e adolescentes.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas.** Rio de Janeiro: Agir, 1987.

YUNES, E. Leituras da leitura. In: **Leitura, saber e cidadania**. Simpósio Nacional de Leitura. Rio de Janeiro: PROLER\FBN - CCBB, 1994.

ZILBERMAN, R. **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

